

A TRANSCENDÊNCIA DO PARADIGMA DE INTERPRETAÇÃO DA ROUPA

Pedro Higinio Romancini¹ Gabriel Coutinho Calvi²

¹Academico do Curso de Moda Presencial, Campus Maringá/PR, Universidade Cesumar – UNICESUMAR. romancinip@hotmail.com

²Orientador, Mestre, Curso de Moda, Universidade Cesumar – UNICESUMAR. gabriel.calvi@unicesumar.edu.br

RESUMO

A beleza é um conceito amplamente contemplado pelo homem desde seus tempos primórdios. Objeto de indagações filosóficas, psicológicas e sociais, cabe-nos trazer à tona as percepções do belo e adaptá-las à moda – âmbito social tão fortemente atrelado à beleza. Abarcando a perspectiva de beleza ante à filosofia kantiana e de scrutoniana, levantaremos a importância do belo e como aderir à tais perspectivas visando criar um vestuário mais harmônico. Dentro da metafísica encontramos limiar de conexão entre a beleza e alma, analisando o entendimento aristotélico em convergência com a psicologia analítica de Jung. Segundo Aristóteles, nossos corpos funcionam como instrumentos sensórios que nos auxiliam a realizar processos de reminiscência – de forma sintética, obtenção de conhecimento. A roupa sendo acessório anexo ao corpo humano, também deve ser estudada, visto que seu uso é diário em nossa sociedade. No que cabe ao âmbito psicológico, cabe-nos averiguar os fatos relativos à influência simbólica no ser humano. Tendo em vistas a psicologia analítica elucidaremos conceitos relativos aos símbolos (quais suas influências e como usá-los positivamente em detrimento do desenvolvimento humano). O ponto de convergência entre todos esses paradigmas pode ser observado na simetria estética e matemática perfeita presentes nas obras renascentistas (como Mona Lisa, da Vinci) – que como explanamos no decorrer deste trabalho, imita as proporções da Natureza. Tal padrão pode ser também utilizado na moda, visando atingir algum juízo de gosto universalmente aprazível (ou simplesmente mais próximo disso do que a moda vigente). Para o estudo e conclusão das prerrogativas apresentadas, utilizamos do método hipotético-dedutivo, construindo hipóteses e testando-as diante das fundamentações teóricas suplantadas. A partir da abordagem comparativa encontramos pontos convergentes entre a filosofia, matemática, metafísica e psicologia que podem vir a ser explorados pelo campo da moda, construindo peças do vestuário que transcendem os pressupostos vigentes do que é compreendido como roupa.

PALAVRAS-CHAVE: Moda consciente; Alma; Anti-moda; Beleza; Proporção áurea; Psicologia analítica; ; Reminiscência; Símbolos; Transcendência.

1 INTRODUÇÃO

Beleza e moda são conceitos intrinsecamente ligados. Sendo a beleza contemplada por todo juízo de gosto humano, cabe-nos questionar filosoficamente alguns conceitos diante desta. A beleza pode afetar psico-emocionalmente um indivíduo? Há um padrão universal de percepção do que é belo? É possível encontrar um limiar de convergência estética entre todos os humanos? Se existe algum ponto de convergência, é possível utilizá-lo de forma a construir roupas mais belas? – Eis alguns questionamentos a serem debatidos pela presente pesquisa.

Adentrando ao campo metafísico da pesquisa, cabe-nos investigar os entendimentos do que é alma e como ocorre a interação do homem com o ambiente externo. A partir desta constatação há de se averiguar a influência do meio externo para com o indivíduo e, assim, buscar um patamar de convergência com a moda – já que, as roupas, são um meio de comunicação não-verbal para com o mundo à nossa volta (MELO, 1987).

No que toca à psicologia, cabe-nos investigar a influência e o uso dos símbolos dentro do paradigma da moda. Atualmente é muito comum encontrarmos diversos símbolos contidos em desenhos e estampas de nossas roupas. Qual a influência de tantos símbolos e imagens na psique humana? Tal questionamento será averiguado às luzes da psicologia analítica, fundamentada pelo estudioso Carl Gustav Jung. Observando diante de tal ótica, levantaremos a hipótese do uso positivo dos símbolos na moda – buscando assim alcançar a harmonia psico-emocional do utilizador da peça e da comunidade.

O objetivo da pesquisa em questão é, em primeiro plano, abordar novas perspectivas acerca da moda e suas influências. Em segundo plano, busca-se por meio de averiguações filosóficas, matemáticas e inerentes à psicologia, construir uma nova abordagem de moda consciente, que leva em consideração o bem-estar emocional e psicológico da sociedade como um todo. Para que isso seja possível e viável, é imprescindível que estudemos diversos campos do conhecimento, tais quais os que serão abordados nos capítulos a seguir. Os alicerces no que tange as áreas de conhecimento devem ser expandidos para que a comunidade se desenvolva – eis o cerne deste trabalho. Não basta apenas conhecermos o fogo, é necessário que saibamos manipulá-lo corretamente em prol do bem comum.

Quanto à metodologia de abordagem do trabalho seguimos a orientação do método hipotético-dedutivo. Esse método pode ser chamado de método de tentativas e eliminação de erros. Consiste na construção de hipóteses e teorias que devem ser submetidas a testes, à crítica, à discussão, enfim, a um confronto, para verificar quais são as hipóteses que persistem como válidas. No que diz respeito aos métodos procedimentais adotamos o método histórico, bibliográfico e comparativo – buscando assim a equanimidade entre assuntos de campos aparentemente tão diversos.

2 DA BELEZA

O conceito do belo e as asserções acerca dele remetem à questionamentos muito antigos, sendo este - o belo, objeto de investigação filosófica contemplada desde Platão (427 a.C) até contemporâneos como Immanuel Kant (1724) e Roger Scruton (1944). Segundo Scruton (2009, p. 11) “se há pessoas indiferentes à beleza é porque são certamente incapazes de percebê-la”.

De fato, o juízo de valor intrínseco à beleza pode ser compreendido como valor último inerente à própria essência, ou seja, trata-se de um fim em si mesmo. Podemos avaliar como uma resposta plausível o juízo de gosto de um indivíduo que observa uma obra de arte que o agrada, atribuindo a justificativa para tal ação como — aprecio porque é belo. Logo, podemos compreender esta característica como um atributo racional presente no ser humano. Platão e seu discípulo Plotino igualavam a beleza, à verdade e à bondade, sendo essas elevadas à trindade de valores últimos que justificam a racionalidade humana.

Conforme orientação de Scruton (2009), no que toca o palatável, podemos compreender a beleza como um juízo subjetivo, sendo também cabível de aspectos inteligíveis e racionais. No entanto, não se pode analisar apenas sob uma perspectiva, ou sob outra, a beleza deve ser contemplada através da múltipla observação de aspectos, assim como o observador humano que vê, sente e julga como aprazível ou não determinado objeto de observação. O juízo de gosto é genuíno e apoiado em razões, no entanto, quando se busca a materialização estritamente dedutiva de tal juízo, logo este se perde. Afinal, se tal apontamento puramente lógico fosse verdadeiro, poderiam existir, por exemplo, computadores desprovidos de juízo estético, capazes de julgar o “grau de beleza” de determinado objeto. Logo, o caráter subjetivo do juízo de gosto não pode jamais ser alienado da percepção do belo.

Em verdade quando se é enlaçado pela beleza de determinado objeto, simultaneamente sua forma e sua essência são contempladas, gerando então a sensação de atração ou repulsão pelo mesmo. Assumindo dentro de uma perspectiva aristotélica presente na obra *Metafísica*¹, podemos assimilar o juízo objetivo pertinente à essência da

¹Obra de Aristóteles compilada *post mortem* por Andrônico de Rodes, datada de IV a.C. Na *Metafísica*, Aristóteles define as quatro causas das coisas, descritas simplificada a seguir: Causa formal — é a forma da coisa (um objeto é definido essencialmente pela sua forma, tal qual a forma de uma faca); Causa material — é a matéria de que uma coisa é feita (a matéria na qual consiste o objeto, tal qual metal); Causa eficiente — é a origem da coisa (aquilo ou aquele que tornou possível o objeto, tal qual o ferreiro); Causa final — é a razão de algo existir (a finalidade do objeto, tal qual cortar).

coisa (causa formal) e o juízo dedutivo pertinente ao aspecto da mesma (causa material), emergindo assim a causa final— ou a finalidade intrínseca, atributo terceiro, sintético das duas anteriores, que possui características objetivas e subjetivas. Logo, aquele que é atraído pela beleza de algo, atrai-se não somente pela sua silhueta, como também pela sua essência auto justificada pelo próprio conceito do belo, podendo ser descrita pelo casamento entre forma e essência, emergindo a finalidade contemplativa, assim como afirma Scruton (2009).

2.1 BELEZA NATURAL E HARMONIA

Adentrando o campo do dedutível, podemos encontrar um limiar de unanimidade incorporado ao juízo de gosto universal, esta é a Natureza. Acerca desse campo, vale-nos ressaltar as asserções kantianas para tal embasamento. Kant (1995) aponta, que apenas em relação à Natureza se pode alcançar um desinteresse sustentado, isto é, quando as nossas intenções e propósitos intelectuais independem de distinções conceituais para o ato contemplativo. Partindo dessa premissa, podemos verificar meticulosamente duas proposições lógicas. A primeira delas é que, a beleza não-natural, ou seja, todo ato contemplativo que não seja da contemplação à Natureza remete à parâmetros intelectuais determinados pelo observador — tal exame é completamente sinérgico com as asserções anteriores relativas à necessidade da observação da beleza através do caráter objetivo e subjetivo. A segunda é que algum atributo pertencente à Natureza, e somente à ela, consegue unificar o juízo de gosto de todos os observadores – como podemos constatar em sua obra *Crítica da Faculdade do Juízo*, ressonante com *Beleza in Scruton*.

Neste aspecto Scruton orienta que “quando somos atraídos pela harmonia, ordem e serenidade da Natureza, a ponto de nos sentirmos nela em casa e fortalecidos por ela, falamos então da sua beleza” (2009, p. 72). Partindo deste princípio, cabe-nos analisar metodicamente o conceito de harmonia. Seria essa a característica que torna unânime a contemplação da beleza natural?

Investigando a vertente de pensamento matemático atribuída à Pitágoras, Euclides e Aristóteles, pode-se afirmar como positiva essa asserção. Observando a relação de proporção presente no pentagrama (razão 10:6,18), Pitágoras pôde compreender de forma aproximada a razão de crescimento de toda forma na Natureza. Tal exemplo é muito claro e observável na concha de *Nautilus*. Frisa-se aqui a palavra aproximada, afinal a seção áurea², ou proporção áurea, tão estudada por Pitágoras e Euclides (e posteriormente exemplificada pela sequência de Fibonacci), trata-se de uma razão matemática regida por um número irracional³ " Φ ", sendo, portanto, impossível de ser descrita em todas suas casas decimais. Logo, a partir da observação indutiva que leva como premissa a harmonia estética inquestionável da Natureza, podemos aferir que sua simetria de proporções influencia naquilo que é percebido como belo. O estudo das proporções e aplicação destas na construção de vestimentas parece ser um paradigma muito pertinente e útil à humanidade.

3 DA ALMA

² Constante real algébrica irracional denotada pela letra grega (Φ), em homenagem ao escultor Phideas (Fídias), que a teria utilizado para conceber o Parthenon, e com o valor arredondado a três casas decimais de 1,618. Desde a antiguidade, a proporção áurea é usada na arte sendo frequente a sua utilização em pinturas renascentistas, como as de Giotto e Da Vinci. Este número está envolvido com a natureza do crescimento.³ Um número irracional é um número real que não pode ser expresso como uma razão de dois números inteiros. Quando um número irracional é escrito com um ponto decimal, os números após o ponto decimal continuam infinitamente sem padrão repetitivo. Podemos citar aqui como exemplo o $\pi \cong 3,141$ e $\Phi \cong 1,618$.

³ Tal harmonia numericamente comprovada e aperfeiçoada na antiguidade e renascença pôde dar vida à diversas obras de arte consideradas cânones, como nas representações de Michelangelo no Teto da Capela Cistina (1511) e nas proporções humanas perfeitas da *Mona Lisa* (1506) de Leonardo Da Vinci.

Diversos conceitos são debatidos acerca do que pode ser compreendido como Alma, *Psyché* (gr. Ψυχή, lat. *anima*), fazendo parte de discussão muito presente dentro da filosofia clássica, principalmente nas obras platônicas e aristotélicas. Tal conceito fora amplamente deturpado na modernidade através de doutrinas religiosas, que acabaram por deteriorar o sentido metafísico do estudo, dando vazão ilógica ao sentido místico contemplado hodierno.

Partindo da orientação filosófica presente em *Fédon* de Platão — perspectiva também compreendida por Carl Gustav Jung (1948), a alma pode ser compreendida como substância que anima o corpo, movimenta-o, da vida. Esta possui características imateriais, incorpóreas e imortais, sendo propensa à transitoriedade e mutação. "Cada corpo movido de fora é inanimado; O corpo movido de dentro é animado, pois que o movimento é a natureza da alma" (PLATÃO, 1972).

Sendo a existência humana regida através da dualidade entre substância que anima e substância animada — alma e corpo, podemos inferir o antagonismo de ambos, que apresentam naturezas opostas e complementares. Tal conceito não somente é integrado pela perspectiva arcádia grega, mas também encontra limiar de fundamentação na sabedoria milenar chinesa de I Ching - O Livro das Mutações, que fora também assimilado e sintetizado na psicologia analítica de Carl Gustav Jung. Tal perspectiva será explorada em maiores detalhes no capítulo 4, quando tocarmos os limiares da psicologia analítica.

3.1 DA REMINISCÊNCIA

Compreendendo o conceito dual e indissolúvel inerente à existência humana, representada por corpo e alma, cabe-nos voltar a atenção à alegoria da Caverna de Platão⁴, presente em sua obra *A República*, Livro VII (IV a. C.;2002). No decurso dessa analogia, pode-se compreender de forma mais simples o conceito de *Anamnese*⁵ ou reminiscência, presente nas obras *Mênon* (2001) e *Fédon* (1973), de autoria do mesmo.

Como aponta Platão nas obras anteriormente descritas, o corpo possui atributos sensórios, sendo estes necessários para apanhar experiências no mundo que vivemos, experiências as quais, através do processo de *anamnese* reconectam-se ao Mundo das Ideias⁶, concebendo assim o processo de obtenção do conhecimento inteligível. Logo, o corpo é o veículo responsável pelo processo de *religare* com a alma — esta que já possui em seu íntimo toda a informação perfeita, completa e incorruptível por essência. Diante dessa perspectiva podemos entender o pressuposto interpretativo platônico de que o corpo é o cárcere da alma, sendo este instrumento sensível do homem, que passa a ser animado pela sua *psyché*.

Compreendendo o caráter instrumental do corpo ante a existência humana, também há de se atinar os demais dispositivos cabíveis ao homem como extensões perceptivas do mesmo. Neste artigo cabe-nos elucidar a importância da indumentária nesse processo subsidiário extensivo de servidão ao homem, buscando assim ampliar as experiências sensórias e acelerar o processo de reminiscência — ou seja, a roupa como ferramenta de

⁴ Alegoria de intenção filósofo-pedagógica, escrita pelo filósofo grego Platão. Pretende exemplificar como o ser humano pode se libertar da condição de escuridão, que o aprisiona, por meio da luz da verdade, em que o filósofo discute sobre teoria do conhecimento, linguagem, educação e sobre um estado hipotético. A alegoria é apresentada após a analogia do sol (508b-509c) e a analogia da linha dividida (509d-511e). As três se relacionam com a dialética, exposta no fim dos livros VII e VIII (531d-534e).

⁵ Termo descrito por Platão em suas obras *Mênon* e *Fédon*. Segundo o autor o conhecimento é atingido por meio da reminiscência, processo de reconexão e recordação da alma no mundo das ideias, logo, o que é observado em nosso mundo visível trata-se das sombras presentes no fundo da caverna — vide mito da caverna. A partir do instrumento sensível (corpo) observamos os objetos e transportamos essa mensagem à alma, que por sua vez conecta-se às formas reais presentes no mundo das ideias, e recorda-se obtendo então conhecimento inteligível. Neste sentido, assimilamos que a alma contempla o ideal e se esquece dele quando atrelada ao corpo, cabendo à primeira o processo de evocação de suas memórias que outrora apreciara em totalidade no mundo real (ou das idéias).

⁶ Teoria das Ideias ou das Formas é um conjunto de conceitos filosóficos determinados por Platão. Esta teoria aponta de modo sintético que, a realidade fundamental, ou o mundo real, é composto de ideias ou formas abstratas, de caráter substancial. Estas ideias ou formas são os únicos objetos capazes de oferecer verdadeiro conhecimento. Tal perspectiva de observação da realidade vai de encontro com o princípio do mentalismo apresentado por Hermes Trismegistus, grande legislador e filósofo que viveu no Egito entre os séculos XXV e XV a.C.

intensificação dos processos de entendimento do homem, ou simplesmente como aparato auxiliar na harmonia psico-emocional do mesmo.

4 DA PSICOLOGIA E DOS ARQUÉTIPOS

Nos tópicos anteriores emergimos conceitos básicos acerca de beleza, harmonia, alma e reminiscência. Neste capítulo cabe-nos esclarecer ante a perspectiva da psicologia analítica como poder-se-á utilizar as formas arquetípicas para auxiliar no processo de afinação psico-emocional do usuário que utiliza tais roupas.

Antes de mais nada clarificaremos alguns conceitos relativos à psicologia analítica — termo cunhado por Jung (1948), para seu método de análise da psique humana. Podemos compreender a existência humana, através da estrutura delimitada por Jung como *self*. O *self* pode ser entendido como a percepção de si mesmo como indivíduo, sendo a quintessência integradora das outras quatro partes descritas a seguir — são elas: ego, consciência, inconsciente pessoal e inconsciente coletivo. Vale ressaltar que, por meio da integração *self* são formados os símbolos.

O ego pode ser entendido de forma simplificada, como a parte organizadora das percepções do indivíduo, sendo responsável pela captação, crítica e avaliação das situações que surgem às percepções conscientes do indivíduo. A consciência, pode ser descrita como a camada mais superficial das percepções do homem, sendo completamente inteligível e interpretável, abrange aquilo que se sabe e se pode racionalmente ser compreendido. O inconsciente pessoal abrange a percepção sensória do indivíduo, nele estando abarcado tudo aquilo que nossos órgãos do sentido captam. O inconsciente pessoal surge do inconsciente coletivo, e é assim cunhado pois refere-se exclusivamente às percepções sensoriais da unidade de percepção que é o homem individualizado, ou seja, todas as percepções e memórias (até mesmo as que não lembramos) do indivíduo como singular. Quanto ao inconsciente coletivo, este remonta à origem da humanidade, e pode ser assimilado como fundamento da psiquê humana, comum à toda humanidade — trata-se da forma basilar de cognição do homem, e segundo Jung (1948), aqui estão presentes os arquétipos⁷.

Vale ressaltar aqui que, a comunicação entre o inconsciente e a consciência ocorre de forma simbólica (como já descrito anteriormente). Familiarizados agora com os conceitos, podemos refletir acerca de tais impressões primitivas — arquétipos. Se assim etimologicamente são representados, abrangemos grande parte dos seus significados à mitologia, logo, a partir da observação destas podemos comparar exemplos ao redor do mundo e encontrar raízes fundamentais que apontam à mesma semente — assim como Jung (1948) o fez, em “O Homem e seus símbolos”. A comparação mitológica foi de fato uma ferramenta poderosa no estudo junguiano ligado aos arquétipos, e por meio dela, pôde se encontrar limiares sinérgicos entre culturas no mundo todo, limiares os quais, apontaram aos arquétipos e seus mais recorrentes símbolos.

A utilização de arquétipos e símbolos que remetam à tais, surge como uma forma extremamente eficiente de plasmar a energia psíquica⁸ através da modelação formativa da percepção do utilizador da indumentária, bem como do observador da mesma — à mesma medida que aquele que utiliza a roupa a vê, aquele que contempla o indivíduo vestido,

⁷ Arquétipo (do grego ἀρχή - arché: "princípio", e τύπος - tipós: "impressão") é um conceito que representa o primeiro modelo de algo, protótipo, ou antigas impressões sobre algo. Termo amoeado por Jung, são conteúdos coletivos, todos os instintos e formas básicas de pensamento e sentimento do homem; padrões estabelecidos na psique humana coletiva e individual; mundo invisível dos espíritos, deuses, demônios heróis, etc. Os arquétipos habitam o inconsciente coletivo e se formam pelas experiências recorrentes da humanidade desde seu surgimento.

⁸ Teoria das Ideias ou das Formas é um conjunto de conceitos filosóficos determinados por Platão. Esta teoria aponta de modo sintético que, a realidade fundamental, ou o mundo real, é composto de ideias ou formas abstratas, de caráter substancial. Estas ideias ou formas são os únicos objetos capazes de oferecer verdadeiro conhecimento. Tal perspectiva de observação da realidade vai de encontro com o princípio do mentalismo apresentado por Hermes Trismegistus, grande legislador e filósofo que viveu no Egito entre os séculos XXV e XV a.C.

também é influenciado. Sendo os símbolos representantes de conteúdos inconscientes à percepção humana, cabe-nos a utilização destes de forma positiva, visando o crescimento e expansão moral do indivíduo, já que, como pudemos constatar, os mesmos influenciam profundamente o funcionamento da psique humana. Tal paradigma de observação embasa-se na utilização de símbolos como ferramentas de canalização de energia psíquica, paradigma sustentado em sua obra “O homem e seus símbolos”.

Entende-se aqui, que através do uso de símbolos, pode-se alcançar resultados positivos à níveis psicológicos e emocionais no usuário e no observador da indumentária, buscando então transcender a utilização ortodoxa da roupa.

5 ONDE TUDO VOLTA A SER UM: BELEZA, HARMONIA, REMINISCÊNCIA E PSICOLOGIA NA MODA

Abrangendo todos os conceitos fundamentados nos tópicos anteriores, compete-nos enlaçar toda a carga teórica de forma concreta, visando assim tocar de forma pertinente as esferas de abrangência supracitadas. Como construir uma indumentária que possa sobrepujar os parâmetros vigentes do que se entende sobre moda? Eis a indagação a ser respondida neste tópico.

Utilizando-se das proporções matemáticas aproximadas descritas por Pitágoras e Euclides, compreendidas como a seção áurea, buscar-se-á a harmonia estética que visa fomentar a percepção ante o caráter objetivo da beleza. Consentindo com tais proporções é pertinente buscar a arquitetura tridimensional naturalmente simétrica presente na natureza, auxiliando assim a nível consciente de cognição o juízo de beleza universal compactuado tanto por usuários quanto por observadores — visto que, como analisamos anteriormente, sintetiza-se por atributos objetivos e subjetivos, sendo a proporção juízo direto de detrimento inteligível inerente à natureza humana.

Quanto à subjetividade, caber-nos-á trabalhar com símbolos, que, em vistas da psicologia junguiana, são os parâmetros de conexão do consciente com o inconsciente do indivíduo. Através da utilização conscienciosa de tais recursos, há de se congruir o limiar de conexão que possa instigar o usuário a elevar-se positivamente em âmbitos emocionais e psicológicos, ou seja, aumentando a autoestima e o senso de conformidade, aderindo de forma coesiva ao meio. Aqui, buscar-se-á por meio da utilização instrumental da roupa, estender sua usabilidade para além dos parâmetros utilitaristas materiais. Através da conexão simbólica dos arquétipos exemplificados por Jung (1948), é possível estabelecer um limiar de conexão que ancore energias psíquicas advindas da diferença de potencial entre consciente e inconsciente, alavancando auspiciosamente transfigurações morais e até mesmo espirituais nos usuários das roupas utilizadas.

Além disso, a empregabilidade de formas e símbolos mais harmônicos na indumentária pode auxiliar no processo de reminiscência apontado por Platão (2002), sendo, mais uma vez, instrumento de suma importância para o desenvolvimento humano. Portanto, a roupa passa a atuar como extensão do dispositivo acessório, compreendido como o corpo, sendo cúmplice no processo de *reiligare* — ou processo de reminiscência do indivíduo, que busca a partir da rememoração integrar-se à realidade que outrora vivia em completude no Mundo das Ideias platônico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo de proporções do corpo humano, tendo em vistas a proporção áurea, é possível construir uma estética matematicamente mais bela. Tal recurso é contemplado na arte e arquitetura gregas, bem como nas obras renascentistas – sendo assim muito pertinente utilizar-se mais amplamente na moda. O uso terapêutico de

símbolos juntamente às roupas surge em detrimento do bem-estar psico-emocional dos observadores. A perspectiva de uso dos símbolos como canalizadores de energia psíquica remete a tempos primórdios da humanidade, sendo na modernidade científico pelas obras de Jung. Tal diretriz deve ser muito bem-vinda em um cenário de moda consciente, que visa o bem-estar emocional e psicológico do utilizador e dos demais integrantes da comunidade. No que tange à beleza, aproximar-se dos padrões arquetípicos da Natureza parece ser o melhor caminho para se buscar harmonia estética. Unir todos estes pontos em comum convergência pode então criar uma indumentária que transcende o caráter vigente da roupa – para então aderir a concepção de ferramenta psico-físico-emocional, em prol do desenvolvimento humano. Assim como as palavras honestamente revestem a verdade que elas vos trazem, as roupas pois, devem revestir dignamente o homem – tal qual a essência humana é recoberta harmoniosamente por seu corpo. A embalagem deve estar à altura do conteúdo.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução do português, textos adicionais e notas de Edson BINI. São Paulo: Edipro, 2012.

JUNIOR, Ademar Silva. O que é a alma: saber humano. **Revista Científica da Faculdade Antonio Meneghetti, Restinga Sêca**, p. 35-48, 2016. Edição especial. DOI ISSN 2446-6298. Disponível em: <https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/download/102/230>. Acesso em: 1 jun. 2021.

JUNG, Carl G. Chegando ao Inconsciente. *In*: **O homem e seus símbolos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

JUNG, Carl Gustav. **Energia psíquica**: a dinâmica do inconsciente. 14. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013. 104 p. v. 8. ISBN 853260241X.

JUNG, Carl Gustav. **Livro vermelho**: liber novus. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017. 374 p. ISBN 8532639755.

KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo**. Tradução de Valério Rohden e Antônio Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, 250 p.

MULLER, Nestor. Aspectos da reminiscência no Mênon de Platão. **Anais do seminário dos estudantes de pós-graduação em filosofia da UFSCar**, São Carlos, n. 10, p. 1-17, 4 ago. 2021. ISSN 2358-7334. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~sempgfil/wp-content/uploads/2012/05/Nestor.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2021

PLATÃO. **A república**. 1. ed. São Paulo: Padilha, 2002. 467 p. v. 1. Disponível em: http://www.eniopadilha.com.br/documentos/Platao_A_Republica.pdf. Acesso em: 14 jul. 2021.

PLATÃO. **Diálogos**: o banquete - Fédon - Sofista - Político. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1972. 73 p. v. 1. Disponível em: <https://geha.paginas.ufsc.br/files/2016/03/Plat%C3%A3o-cole%C3%A7%C3%A3o-os-pensadores-1973.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2021.

PLATÃO. **Mênon**. Tradução de Mauro Iglesias. 1. ed. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2001. 119 p. v. 1. ISBN 85-15-02312-1. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3975434/mod_resource/content/1/Texto%20Plat%C3%A3o_M%C3%AAnon.pdf. Acesso em: 7 jul. 2021.
PLATÃO.

SCRUTON, Roger. **Beleza**. 1. ed. Lisboa: Guerra e Paz, 2009. 196 p.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas**: a moda no século dezenove. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 256 p.

SPINELLI, Miguel. **Filósofos pré-socráticos**: primeiros mestres da filosofia e da ciência grega. 2. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.